OPEN ACCESS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PUCRS

LETRAS DE HOJE
Studies and debates in linguistics, literature and Portuguese language
Letras de hoje Porto Alegre, v. 60, n. 1, p. 1-11, jan.-dez. 2025
e-ISSN: 1984-7726 | ISSN-L: 0101-3335

http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2025.1.45864

SEÇÃO ARTIGOS:

Literatura indígena e educação ambiental, um diálogo

Indigenous Literature and Environmental Education, a Dialogue

Literatura indígena y educación ambiental, un diálogo

Alessandra Cegobia Andrade Silva[1]
orcid.org/0009-0001-1265-5472
ales.cegobia@gmail.com

Miguel Rettenmaier[2]
orcid.org/0000-0002-8523-3270
mrettenmaier@hotmail.com

Recebido em: 15 mar. 2024.
Aprovado em: 16 dez. 2024.
Publicado em: 24 mar. 2025.

Resumo: O artigo relaciona a *literatura indígena* à *educação ambiental*, trazendo uma reflexão sobre os impactos gerados pelo antropoceno. Acreditamos que a aliança aqui sugerida pode contribuir com as questões vinculadas à sustentabilidade, preservação e conservação do meio ambiente – por meio de diálogos entre autores indígenas, tendo por base a perspectiva do pensamento decolonial de Ailton Krenak, Julie Dorrico, Márcia Kambeba, entre outros autores que contribuem com reflexões quanto aos desafios que se apresentam na contemporaneidade, analisando pensamentos e saberes de povos originários, levando em consideração o respeito às suas formas de apropriação da natureza, extração, transformação dos recursos naturais, organização social e relações de trabalho. Nesta perspectiva, faz-se necessário não cair no reducionismo de encarar a literatura indígena apenas como mitologia, retirando dela todo seu potencial de ciência, integração entre o ser humano e a natureza, ancestralidade, simbologia, cultura e encantamento. Este artigo objetiva demonstrar que a conexão entre educação ambiental e literatura contribui para a compreensão de novos olhares e sentidos, às redes e aos enredos cotidianos que compõem a floresta e influenciam a vida fora dela. O respeito ao meio ambiente e aos seus povos originários assume um papel crucial na composição de um mundo socialmente mais justo, igualitário e ecologicamente equilibrado, condição tida como fundamental para a manutenção da vida no Planeta. Neste âmbito, diz respeito às relações entre literatura e consciência ambiental, tema este que nas últimas décadas recebe atenção não apenas de ambientalistas, mas também de intelectuais das variadas áreas do conhecimento. O foco na degradação ambiental, o alerta para a destruição de vários ecossistemas no Planeta revela um dos núcleos que são o foco deste artigo, nas relações entre literatura e consciência ambiental.

Palavras-chave: literatura indígena; educação ambiental; antropoceno.

Abstract: The article relates Indigenous Literature to Environmental Education, bringing a reflection on the impacts generated by the Anthropocene. We believe that the alliance suggested here can contribute to issues linked to sustainability, preservation and conservation of the environment. Through dialogues between indigenous authors, based on the perspective of decolonial thought by Ailton Krenak, Márcia Kambeba, Julie Dorrico and other authors who contribute with reflections on the challenges that present themselves in contemporary times, analyzing thoughts and knowledge of indigenous peoples, taking into account respect for their forms of appropriation of nature, extraction, transformation of natural resources, social organization and work relations. From this perspective, it is necessary not to fall into the reductionism of viewing indigenous literature only as mythology, removing from it all its potential for science, integration between human beings and nature, ancestry, symbolism, culture and enchantment. This article aims to demonstrate that the connection between environmental education and literature contributes to the understanding of new perspectives and meanings, to the networks and everyday plots that make up the forest and influence life outside it. Respect for the environment and its indigenous peoples plays a crucial role in creating a more socially just, egalitarian and ecologically balanced world, a condition considered fundamental for maintaining life on the

Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

[1] Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul; Minter Faculdade Católica de Rondônia, Rondônia – Brasil.
[2] Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil.

planet. In this context, it concerns the relationship between literature and environmental awareness, a topic that in recent decades has received attention, not only from environmentalists, but also from intellectuals from different areas of knowledge. The focus on environmental degradation, the warning about the destruction of various ecosystems on the planet, reveals one of the nuclei that are the focus of this article, in the relationships between literature and environmental awareness.

Keywords: Indigenous Literature. Environmental Education. Anthropocene.

Resumen: El artículo acerca la Literatura Indígena a la Educación Ambiental, trayendo una reflexión sobre los impactos generados por el Antropoceno. Creemos que la alianza aquí sugerida puede contribuir en temas vinculados a la sustentabilidad, preservación y conservación del medio ambiente. A través de diálogos entre autores indígenas, a partir de la perspectiva del pensamiento decolonial de Ailton Krenak, Márcia Kambeba, Julie Dorrico y otros autores que aportan reflexiones sobre los desafíos que se presentan en la época contemporánea, analizando pensamientos y saberes de los pueblos indígenas, teniendo en cuenta respeto por sus formas de apropiación de la naturaleza, extracción, transformación de los recursos naturales, organización social y relaciones laborales. Desde esta perspectiva, es necesario no caer en el reduccionismo de ver la literatura indígena sólo como mitología, quitándole todo su potencial de ciencia, de integración entre el ser humano y la naturaleza, de ascendencia, de simbolismo, de cultura y de encantamiento. Este artículo tiene como objetivo demostrar que la conexión entre educación ambiental y literatura contribuye a la comprensión de nuevas perspectivas y significados, de las redes y tramas cotidianas que configuran el bosque e influyen en la vida fuera de él. El respeto por el medio ambiente y sus pueblos indígenas juega un papel crucial en la creación de un mundo más justo socialmente, igualitario y ecológicamente equilibrado, condición considerada fundamental para mantener la vida en el planeta. En este contexto, se trata de la relación entre literatura y conciencia ambiental, tema que en las últimas décadas ha recibido atención, no sólo por parte de ambientalistas, sino también de intelectuales de diferentes áreas del conocimiento. El foco en la degradación ambiental, la alerta sobre la destrucción de diversos ecosistemas del planeta, revela uno de los núcleos que centra este artículo, en las relaciones entre literatura y conciencia ambiental.

Palabras clave: literatura indígena; educación ambiental; antropoceno.

INTRODUÇÃO

Os diálogos aqui presentes têm a pretensão de contribuir para irromper as normas e convenções que articulam o mundo, em prol de olhares que constituem a ética através da literatura transformadora, em textos que despertem a conscientização ambiental. Buscamos, por meio deste artigo, abordar saberes que apresentem maior responsabilidade humana, social e ecológica, primando por novas perspectivas, ao estabelecer a conexão entre educação ambiental e literatura indígena, contribuindo para a compreensão de novos olhares às redes e aos enredos cotidianos que compõem a floresta e influenciam a vida fora dela.

Importante ressaltar o sentido social que emerge da literatura, atuando na formação consciente de mundo, no que também é pretendido pela educação ambiental. Queremos chamar a atenção para a necessidade de o sujeito leitor deixar-se sensibilizar pela ética que emerge dos textos de autores indígenas, pois, ao chegar a este ponto, neste dado momento, é fundamental repensar o lugar da linguagem e da literatura no cuidado com a natureza, com o ser das árvores, flores e folhas, da diversidade da vida, fundamental para nossa sobrevivência, consciência e saber. Da mesma forma que implicam o ato de ler, as folhas das árvores são um vocabulário em que a leitura mais sensível pode conduzir a uma visão mais humana. Veja Freire (2017, p.]21):

> Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros – o do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá; na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores – das rosas, dos jasmins –, no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada verde, o verde da manga-espada inchada; o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto.

A leitura constitui um fator de expressão sociocultural, ferramenta de expressividade sobre as questões sociais. A literatura indígena faz girar reflexões e práticas com formas diversas de pensar o mundo (comprometidas com o meio ambiente), promove aproximação de saberes

diversos, amplia possibilidades de manter a biodiversidade, sem a destruição dos ecossistemas, e incita novas formas de ensino e aprendizagem.

Neste contexto, nas comunidades indígenas, tudo é natural e cultural ao mesmo tempo, sem distinção. Dessa forma, faz-se necessário que a nossa tradição alcance a harmonia entre sociedade e natureza, lute contra políticas que promovem a destruição do ecossistema e potencializam, acima de qualquer valor, os lucros financeiros. A sociedade contemporânea deve aprender com os povos originários, com os habitantes da floresta, a contribuir e viver em consonância com o meio ambiente. Conforme afirma Krenak (2020, p. 9), devemos ver o mundo como um todo: "A Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza".

Nesse sentido, a literatura indígena incorpora a cultura, a oralidade e a identidade dos povos originários da floresta a uma visão que coloque a natureza fora de qualquer exclusividade utilitária; talvez possamos conter o fim em um mundo que parece já ter mesmo acabado. Para Saavedra (2021, p. 18), o fim do mundo é um cenário que se estende não apenas à natureza, mas "a outras áreas, como política, artes, cultura e, obviamente, também à literatura". A questão é que esse mundo que termina talvez possa renovar-se sem que o fim das florestas venha a trazer a destruição alertada por Kopenawa e Bruce (2015) e referida por Saavedra (2021), a profecia de que, com o fim das florestas, o céu venha a cair sobre nós.

A natureza foi transformada em mercadoria a ser comercializada globalmente e meio para as mais diversas formas de invasão e apropriação com a desculpa do desenvolvimento. No caso particular brasileiro, o País sofre com os problemas ambientais, que envolvem questões políticas, sociais, culturais e econômicas, desde a sua colonização, embora, na atualidade, o antropoceno tenha se constituído em prejuízo ao Planeta quase à condição de não retorno – ou já nessa condição, considerando o que fora a realidade da era pré-industrial. Os recursos naturais são explorados, sem a menor preocupação com as consequências. Para Krenak (2020, p. 44), "estamos devastando o planeta, cavando um fosso gigantesco de desigualdade entre povos e sociedade". A responsabilidade ambiental abrange todos que interagem com o ambiente.

A literatura indígena é instrumento fundamental para que haja o desenvolvimento de pensamento crítico na mudança de comportamento com o objetivo de tentar amenizar os problemas ou, talvez, desvendar possíveis soluções para as questões ambientais. Como forma de expressão sociocultural, deve ser uma "ferramenta" (apesar da possível impropriedade desse termo) de reflexão sobre as questões sociais, capaz de significados reais através da compreensão de diferentes contextos construídos pelos próprios sujeitos.

ANTROPOCENO, NATUREZA E EDUCAÇÃO

Antropoceno é um termo que combina as raízes das palavras em grego *anthropo* (humano) e *ceno*, que significa "novo". Relaciona-se à influência humana sobre o Planeta e sobre o funcionamento de seus ecossistemas, que pode ser considerada iniciada com a Revolução Industrial. Para Saavedra (2021, p. 15), "É o nome que alguns dão à (nova) era geológica que estamos vivendo e que se caracteriza pela atual e incontestável capacidade humana de destruir o planeta e tudo o que há nele (incluindo nós mesmos)".

A destruição do antropoceno, em processo, não significa dizer que algo está a ser destruído, mas que muito já foi arrasado. O "fim do mundo" significou e significa a destruição estabelecida aos povos tradicionais, por uma guerra de conquistas que teve início com a catequese dos "pagãos", dos colonialismos à globalização, quando os imperialistas nunca hesitaram em recorrer a genocídios de nações originárias para estabelecer sua soberania universal (Krenak, 2020). O antropoceno é o impacto do homem na Terra, exaurindo fontes da vida que nos possibilitaram saber e sentir que este planeta era verdadeiramente a nossa casa e que deveríamos preservá-lo para as gerações futuras.

Um dos primeiros esforços internacionais para

resolver os graves problemas ambientais foi a realização da Conferência de Estocolmo (que ocorreu na Suécia em 1972), reunindo representantes de 130 nações, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU). Segundo Dias (2016, p. 61), "A partir daí a preocupação com o ambiente tornou-se cada vez maior e a educação ambiental foi considerada um dos instrumentos mais importantes para promover as mudanças que se faziam necessárias". Contudo, ainda assim, a crise ambiental no mundo seria agravada nos anos seguintes.

Em 1992, representantes de 170 países estiveram reunidos, no Rio de Janeiro, na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimentos, conhecida como "Eco-92", para discutir a crise ambiental do Planeta. Dessa importante conferência, surgiu a "Agenda 21", um documento internacional de compromissos ambientais contendo recomendações para um novo modelo de desenvolvimento sustentável que enfatizava a importância da educação ambiental. Em agosto de 2023, ocorreu no Brasil a Cúpula da Amazônia, na busca por tri um compromisso mútuo entre os líderes políticos que têm parte do bioma amazônico em seu território de zerar o desmatamento na Amazônia até 2030. Observa-se aqui a importância de se discutir as pautas ambientais, abordando problemas estruturantes, com a avaliação de diferentes aspectos para, de forma integrada, encontrar saídas visando ao desenvolvimento sustentável. Dias (2016, p. 64) destaca:

> O desenvolvimento sustentável busca compatibilizar o atendimento das necessidades sociais e econômicas do ser humano com as necessidades de preservação do ambiente e dos recursos naturais, de modo que assegure a sustentabilidade da vida na terra. Procura melhorar a qualidade de vida humana, respeitando a capacidade de suporte dos ecossistemas. Acredita-se que o desenvolvimento sustentável seja a forma mais viável de saímos da rota da miséria, exclusão social e econômica, consumismo, desperdício e degradação ambiental em que a sociedade humana se encontra.

Com os padrões atuais de produção e consumo, somados ao crescimento populacional e às injustiças sociais e econômicas vigentes, o desenvolvimento sustentável não é, em princípio, viável. Em um mundo que consome mais do que o Planeta pode sustentar, esse modelo de desenvolvimento é uma impossibilidade ecológica (Dias, 2016). De qualquer forma, o elemento fundamental para a implantação de um novo modelo é a educação ambiental. O Brasil já possui uma Política Nacional para a Educação Ambiental (Lei 9795/99), a qual afirma que essa educação deve ser componente essencial para a educação nacional e estar presente em todas as modalidades do ensino. Dessa forma, a temática ambiental passa a ser obrigatória em todos os níveis do processo educacional, de forma integrada e interdisciplinar.

A modernização retirou grande parte das pessoas do convívio em suas comunidades da floresta e as colocou para viver nas cidades, em lugares onde passam todo tipo de privação. Como afirma Krenak (2020, p. 14), a modernização "jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos". As grandes corporações obrigam as pessoas a viver modelos de vida urbanizados, e depois devoram as florestas, as montanhas e os rios, espalhando um modelo de progresso que destrói o meio ambiente[2]. Porém, a resistência desses povos da floresta, sobreviventes a praticamente cinco séculos de exploração, mostra um futuro à sobrevivência dos recursos naturais e à nossa própria sobrevivência.

As gerações que foram privadas do convívio com a floresta estão sendo preparadas, por sua vez, por um sistema educacional que as faz ignorar as consequências ambientais dos seus atos e objetiva torná-las consumidoras úteis e perseguidoras obsessivas de bens materiais. Imersas em uma luta cotidiana cada vez mais cheias de compromissos, não percebem como estão incluídas na trama global da insustentabilidade (Dias, 2016). Vivendo sobre essas condições, não reconhecem que dependem de uma base

[2] A Amazônia sofreu em 2022 com o quinto recorde anual consecutivo no desmatamento, segundo o monitoramento por satélite do

ecológica de sustentação da vida.

Nesse contexto, observa-se ainda a incapacidade de se acolherem os habitantes originários. De todas as formas, está-se à procura de mudar a sua cultura, tentando inserir nas tribos indígenas novos hábitos e costumes que, tanto quanto nocivos aos modos de vida dessa população, são fatais mesmo à sociedade do lucro. Apesar de tudo, primeiro, destroem a língua dos povos originários; depois, sua cultura; e, após isso, tomam o seu território. Sobre as línguas indígenas, Krenak (2020, p. 23) afirma:

> Para a Unesco, 2019 é o ano internacional das línguas indígenas. Todos nós sabemos que a cada ano ou a cada semestre uma dessas línguas maternas, um desses idiomas originais de pequenos grupos que estão na periferia da humanidade, é deletada. Sobram algumas de preferência aquelas que interessam às corporações para administrar a coisa toda, o desenvolvimento sustentável.

De acordo com Krenak (2020), é necessário que sejamos críticos a essa ideia de homogeneidade criada pelo capitalismo, que vem para destruir o meio ambiente e tomar as terras dos povos que vivem na floresta:

> "A gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais. Ainda existem mais de 250 etnias que querem ser diferentes umas das outras no Brasil, que falam mais de 150 línguas e dialetos" (Krenak, 2020, p. 31).

De norte a sul deste país, os povos indígenas estão em constante luta e resistência desde os primórdios da colonização para manter o seu território, insistindo para que os governos cumpram seu dever constitucional de assegurar os direitos desses grupos em seus locais de origem, que para eles é um solo sagrado. E o cumprimento desse direito significa "vida" não apenas às ancestralidades e aos seus povos, mas a todos seres humanos, já que as culturas preservadas sobre determinadas terras, que são suas, permitem a preservação de tudo que ainda não foi extinto pelo antropoceno.

O dilema para as sociedades indígenas no século XXI é tentar manter o seu último reduto onde a natureza ainda existe, onde podem suprir as suas necessidades alimentares e de moradia, sem criar uma dependência excessiva do Estado, sendo capazes de gerir suas vidas. Isso porque a máquina estatal e mercado atuam para desfazer as formas de organização destas sociedades, buscando uma integração entre essas populações e o conjunto da sociedade brasileira (Krenak, 2020). Nesse conjunto, as pessoas se tornaram mercadorias, na destruição em massa do meio ambiente, visto como recurso. Os povos originários, que negam esse tipo de vida, ao não permitir a destruição da biodiversidade, são condenados. Krenak (2020, p. 67) enfatiza:

> Quando, por vezes, me falam em imaginar outro mundo possível, é no sentido de reordenamento das relações e dos espaços, de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza, como se a gente não fosse natureza. Na verdade, estão invocando novas formas de os velhos manjados humanos coexistirem com aquela metáfora da natureza que eles mesmos criaram para consumo próprio. Todos os outros humanos que não somos nós estão fora, a gente pode comê-los, socá-los, fratura-los, despachá-los para outro lugar do espaço. O estado de mundo que vivemos hoje é exatamente o mesmo que os nossos antepassados recentes encomendaram para nós.

Dessa forma, devemos pensar em qual tipo de mundo queremos deixar para as gerações futuras. Os indígenas não se sentem como uma natureza à parte, eles são parte da natureza. Neste sentido, ao defender suas formas de viver, estão defendendo, de imediato, o meio ambiente e toda essa biodiversidade que deve ver preservada. Pois, como afirma Krenak (2020), o fim do mundo é a interrupção de um estado de prazer que não queremos perder em um modelo de desenvolvimento econômico globalmente devastador. Nessa linha, ganha importância a *literatura indígena*. Em uma arte que se escreve das oralidades anteriores, pode estar uma das chaves para a sustentabilidade do Planeta.

Imazon. Entre janeiro e dezembro, foram devastados 10.573 km², a maior destruição em 15 anos – desde que o instituto de pesquisa começou a monitorar a região, em 2008. Isso equivale à derrubada de quase 3 mil campos de futebol por dia de floresta.

A LITERATURA INDÍGENA E O RESPEITO AO MEIO AMBIENTE

A preocupação com as questões ambientais adquiriu destaque nas últimas décadas e vem sendo discutida nos cenários econômicos, políticos, sociais e educacionais na esperança de chamar-se a atenção para o problema. Nesse sentido, o desenvolvimento sustentável é a forma mais viável de preservação dos recursos naturais, de modo a assegurar as necessidades sociais e econômicas do ser humano e respeitar a capacidade dos ecossistemas.

Diante disso, na literatura indígena, é possível encontrar um conhecimento milenar a respeito do meio ambiente; ela ensina e encanta ao mesmo tempo. As histórias indígenas são contadas de uma maneira pluridimensional e sem fronteiras que desqualifiquem o discurso mediante valores impostos. Por outro lado, essa literatura é capaz de pensar a sustentabilidade.

A manifestação da literatura indígena no País é paralela ao reconhecimento do direito à identidade indígena e à cidadania brasileira trazido pela Constituição de 1998. O que os povos indígenas nos mostram através de sua literatura é que há formas de resistência em diferentes níveis, o que implica decolonizar a mente, entender quem somos e o nosso (de todos os seres vivos) lugar neste Planeta. Nos territórios tradicionais, as sociedades indígenas e o ambiente devem evoluir conjuntamente e em equilíbrio.

Como destaca Calligaris (2017), o colonizador e o colono são figuras historicamente entrelaçadas à nossa cultura; a existência desses dois fantasmas na fundação do País parece ser uma das razões por não existir um sentimento de coletividade entre nós. Através da colonialidade, os saberes e as experiências de comunidades originárias são desvalorizados, classificados como inferiores. O pensamento decolonial se coloca como uma alternativa para dar voz e visibilidade aos povos originários e às minorias, que, durante muito tempo, foram silenciados. É considerado um projeto de liberdade social, política, cultural e econômica pelo qual povos historicamente marginalizados são protagonistas da manutenção das florestas de forma sustentável.

Importante observar na existência da literatura de autoria indígena uma resposta à apropriação dos territórios que permite a existência de sua cultura. A literatura indígena é uma apropriação de uma ferramenta do dominador: a escrita. Para Potiguara (2019), a literatura indígena "nunca existiu", nem existe, mas é uma "estratégia de luta". Nas suas palavras, em obra organizada por Idjahure Kadiwéu:

> Eu sempre considero que a gente precisou partir para a literatura porque não tinha outros espaços. Estava todo mundo ocupando nossos espaços. Eu vi centenas de pessoas escreverem sobre lendas indígenas, alterando o conteúdo do texto, o final das histórias. Escritores que não eram indígenas, que pegavam um mito e alterava para um texto escrito. [...] Aquilo que é feito por indígena, alguém tem que defender esse território também (Potiguara, 2019, p. 45).

Como resistência, amparada em suporte e ferramenta do "outro", a literatura de autoria indígena contribui para a formação de um leitor consciente dos problemas ambientais enfrentados na região amazônica e desperta o senso crítico para as dificuldades e os desafios aos quais estão expostos os povos originários. A leitura e a interpretação de textos desse tipo devem adentrar os muros escolares, pois através deles reconheceremos o respeito à floresta e aos seres que vivem e cuidam das matas e dos rios. Lendo, ouvindo e falando sobre os ensinamentos que vêm da floresta amazônica, seremos capazes de educar e evitar muitos desastres ambientais. Como afirma Kambeba (2020b, p. 29):

> As escolas da cidade precisam ensinar o jeito certo de se referir aos povos originários, mas não o chamando de "índio", mas tratando-os pelo nome de suas nações específicas. Buscar conhecer cada povo na sua especificidade é importante para a educação escolar de crianças não indígenas. Assim, é preciso fazer o caminho da volta, do conhecimento das identidades e ancestralidades indígenas para a narração de sua memória. No século 21, nosso arco e flecha são a educação e a literatura.

A música, a poesia e a literatura cabem em todos os lugares e é importante para o professor estabelecer conexões com seus alunos e, através

dos textos, fazer com que eles vivenciem outros lugares, com diferentes povos, respeitem outras culturas e se permitam novas descobertas, sentimentos, emoções, sem medo de arriscarem-se a viver o novo. A literatura dos povos originários pode despertar o senso crítico para a preservação ambiental e o respeito à situação dos povos da floresta, por isso sua importância para a formação do indivíduo; dessa forma, teremos oportunidades de conhecer, valorizar e preservar a multiculturalidade em nosso país, pois, com tantas diferenças existentes, como características próprias do povo brasileiro, a leitura, reflexão e o pensar crítico devem ser incentivados nas salas de aula para o próprio desenvolvimento dos alunos como pessoas que respeitam o meio ambiente e os povos que vivem na floresta.

A literatura pode, assim, contribuir para que as pessoas se reconstituam mesmo estando em contextos sociais desfavoráveis; através dela podemos nos organizar, dar sentido às nossas vidas e montar locais apropriados de liberdade, onde poderemos encontrar alternativas para escapar dos impasses que nos permeiam e fazer com que todas as populações tenham garantidos os seus direitos e cultura (Petit, 2013). Nesse sentido, a contribuição da literatura para a educação ambiental se revela na importância em criar e recriar territórios de hipóteses, e em evidenciar a necessidade de um novo pensar, em que questões humanas estejam ligadas às questões ambientais.

A autoria na literatura indígena é oral e coletiva. Essa forma de literatura está ligada aos saberes imemoriais e ao patrimônio milenar e coletivo de cada tribo. Atualmente, os autores indígenas têm retomado essas narrativas para recontá-las de maneira mais sensível, com compromisso político, espiritual, social e cultural. Segundo Kambeba (2020a, p. 90), "As narrativas sempre contadas pelos mais velhos, passadas de geração em gerações, registradas em textos ilustrados, são fundamentais para o aprendizado de uma nova geração"; é a literatura como forma de expressão sociocultural. Assim, não se pode reduzir a literatura à apresentação de períodos e de recursos literários, mas deve-se trabalhá-la, sobretudo, como uma ferramenta de expressividade das questões sociais. Atualmente, a educação tende a se preocupar em proporcionar aos educandos significados reais através da compreensão de diferentes contextos construídos pelos próprios sujeitos. Sobre as formas de pertencimento sociocultural, Petit (2013, p. 113) enfatiza:

> A leitura pode sacudir crenças bem estabelecidas até então, desvirtuar uma representação do mundo baseado numa oposição entre "eles" e "nós". Porém, se às vezes, pode relaxar, certos vínculos comunitários, também convida a outras formas de vínculo social, a outras formas de pertencer a uma sociedade.

A relação entre a educação ambiental e a literatura estimula a criatividade, a fantasia, a imaginação e a sensibilidade, que são elementos pertinentes para que se reflita sobre o caos em que estamos jogando o Planeta. A leitura de textos provenientes da literatura indígena nos autoriza a visualizar e compreender as potencialidades do saber literário em prol de sociedades sustentáveis, portanto fornecendo abertura para entrelaçar esses saberes à educação ambiental.

A região amazônica, ao contrário do que pensamos, sempre foi habitada pelos povos originários que vivem dos produtos da floresta sem destruir os seus recursos naturais. Esses povos nunca foram "isolados"; mesmo antes da invasão europeia, existia uma grande população na Amazônia, com língua, cultura e organização política. Povos de etnias diferentes já se relacionavam, ao contrário do que afirmava o "colonizador"; as sociedades indígenas eram economicamente organizadas, e valorizavam a ideia de coletivo. Contudo, nas aldeias, hoje, vive-se um outro tempo: os produtos da cidade ganharam espaço, os povos indígenas saem para estudar nas cidades – embora isso seja necessário para defender o seu território. Afirma Kambeba (2020b, p. 49): "Estudamos na escola da aldeia e da cidade, adentramos a universidade, produzimos literatura, música, arte e cinema". Porém, a cultura indígena que é ensinada na floresta pelos seu ancestrais nunca deve ser esquecida; a contribuição dos povos originários para os saberes da cidade, a manutenção do

meio ambiente, é a base civilizatória para a formação do Brasil.

Ligar mundos, ser ponte para o outro, é tarefa que requer humildade e sabedoria; assim caminham os povos da floresta: buscando demarcar seus territórios, lutando contra o sistema que quer vê-los desapropriados de terras produtivas, ricas em minérios, madeira de lei, onde se entende que precisa ser construída uma hidrelétrica ou hidrovia (Kambeba, 2020b). Desta forma vivem os povos originários: entre a floresta e a cidade, aprendendo a linguagem, a cultura e a legislação dos colonizadores para defender seus territórios com o objetivo de que seus parentes que precisam, ou querem, continuem a viver protegidos dentro das aldeias e não venham a cair na marginalidade e nas periferias das cidades.

Nesse sentido, a literatura indígena ensina o respeito aos povos da floresta e seus territórios, pois, através de suas práticas milenares, observamos as melhores formas de utilizar o meio ambiente sem destruí-lo. Antes, porém, é preciso abandonar estereótipos de que os indígenas são pessoas "preguiçosas", que não têm cultura, higiene e vivem de forma "primitiva". Através da literatura, podemos desconstruir esses preconceitos, entender a cultura e os costumes dos povos originários, aprender novas formas de preservação da natureza. Kambeba (2020a) destaca que devemos motivar as novas gerações a descobrir a literatura indígena da região amazônica, estabelecer conexões entre essa literatura e o cotidiano dos estudantes; isso nos permitirá novas descobertas, sentimentos, emoções sobre o lugar onde vivemos, sem medo de arriscar viver o novo, porque o risco nos motiva a confiarmos em nós mesmos.

MÁRCIA WAYNA KAMBEBA E OS SABERES DA FLORESTA

O livro *Saberes da floresta*, de Kambeba (2020b), é uma obra que tematiza e consagra o meio ambiente sob o olhar dos povos originários, os quais, desde o início da colonização, lutam para manter o seu território, sua cultura e a preservação da natureza onde vivem. Desse modo, o respeito à floresta e aos seus povos assume um papel crucial na composição de um mundo socialmente mais justo, igualitário e ecologicamente equilibrado, condição tida como fundamental para a manutenção da vida no Planeta.

A obra de Márcia Wayna Kambeba traz uma visão decolonial sobre as populações indígenas, sua cultura e ensinamentos que são capazes de manter a preservação da floresta. Com uma linguagem com traços da história oral e da literatura de cordel, ela parte dos próprios versos e de um olhar filosófico e político para refletir sobre a educação ambiental e a identidade nas aldeias. Como neste trecho do poema "Vozes da floresta":

> Os indígenas mantêm esse diálogo
> Acordam com o cantar do sabiá
> Maria judia cantou aculá
> Conhecem o tempo do vento
> A subida e descida das águas
> E convivem obedecendo as vozes da floresta
> Que a noite canta para dormirem
> Na sua cama que é puçá (Kambeba, 2020b, p. 15).

A literatura de Kambeba nasce com o objetivo de partilhar saberes da floresta e fazer girar reflexões e práticas comprometidas com formas diversas de pensar o mundo, as relações, os modos de aprender baseados nos ensinamentos e nas vivências que a floresta pode proporcionar. A produção poética da autora se apresenta como um fio que abre caminhos, promove aproximações entre os saberes das comunidades originárias e as populações que vivem nas cidades, ampliando possibilidades de visões de mundo e incitando novas formas de aprendizados. A respeito da produção poética de Kambeba (2020b), Dorrico destaca no prefácio do livro *Saberes da Floresta*: "É preciso instruir-se como os povos ameríndios para viver no mundo e educar. Isso é tão verdadeiro que não podemos mais ignorar os fatos".

Atualmente, a autora escreve poemas, contos, resenhas, ensaios e críticas sobre a preservação da natureza, a luta dos povos indígenas para manter sua cultura e seu território. "Vivemos sobre a proteção de uma vasta floresta chamada Amazônia, berço de grandes culturas, ricas em saberes que podem contribuir com a sociedade

não indígena" (Kambeba, 2020b, p. 15). Marcia Wayna Kambeba é indígena do povo Omágua/Kambeba no Alto Solimões (AM); nasceu na aldeia Belém do Solimões, do povo Tikuna; mora hoje em Belém (PA) e é mestre em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM); escritora, poeta, compositora, fotógrafa e ativista. Seus poemas rimados guardam as semelhanças com o cordel e as narrativas orais tradicionais na cultura dos povos originários do Brasil.

Em seus textos, Kambeba transmite sua ancestralidade para compreendermos a íntima relação entre a floresta e seus povos, uma literatura que encanta e desperta reflexões sobre o respeito a natureza. No livro *Ay Kakyri Tama: Eu moro na cidade* (Kambeba, 2020a), a autora faz uma conexão entre sua origem indígena e a vida na cidade, apresenta a história de seu povo em poesias repletas de emoção. Na obra *Saberes da Floresta*, Kambeba (2020b) promove uma aproximação entre sua ancestralidade, a floresta e seus diversos saberes, mostrando-nos a importância sobre as várias formas de pensar o mundo e a preservação do meio ambiente. Em *Kumiça Jenó: narrativas poéticas dos seres da floresta*, Kambeba (2021) apresenta 25 poemas narrativos que recontam a tradição oral recebida pela autora de seus ancestrais, ritos e lendas de diversas culturas nativas da Amazônia.

JULIE DORRICO E O OUTRO CALENDÁRIO

A autora Julie Dorrico é pesquisadora e curadora de literatura indígena; descendente do povo Macuxi, nasceu em Guajará-Mirim, em Rondônia; é doutoranda em Teoria da Literatura pela PUCRS e mestre em Estudos Literários pela UNIR/RO. Pesquisa Literatura Indígena Brasileira Contemporânea. Como afirma Dorrico (2019), a cultura indígena se propaga e se mantém, há milênios, pela tradição oral. Narrativas, rituais sagrados, costumes e a própria língua são transmitidos a partir da conversa e da contação de histórias. Em seu livro *Eu sou macuxi e outras histórias*, Dorrico (2019, p. 108) descreve:

> Este ano destaca-se a resistência a perseguição explícita aos territórios e direitos indígenas. Mas queremos *contar a história do outro calendário*, aquele de 1500, esse que vive no corpo, na memória e na história dos sobreviventes do que se chama hoje de Brasil. Queremos contar a história do orgulho do pertencimento étnico, das belas-palavras, das avós e dos avôs, da roda de conversa em volta da fogueira, de que afinal, humanos florestas, animais, somos todos gente.

A autora procura, em sua obra, resgatar a identidade e a cultura dos povos indígenas; dessa forma, logo no prefácio do livro *Eu sou macuxi e outras histórias*, Dorrico (2019), o autor Daniel Munduruku faz um alerta: para que cada um de nós identifiquemos o caminho da ancestralidade e trabalhemos as nossas memórias – essa é a chave da descoberta do ser:

> Julie Dorrico fez o caminho de esvaziar-se para ser preenchida pela memória e pelo pertencimento. Estas duas coisas estão presentes nos escritos poéticos e imagéticos que as palavras escritas agora dão forma. Ela nos presenteia com um mergulho em suas memórias ancestrais e contemporâneas para nos ajudar a criar coragem de trilharmos o mesmo caminho, aceitarmos o que há de originário em cada um de nós e fazermos o caminho de volta, da aceitação, do desprendimento, da ancestralidade.

O livro é composto por contos e poemas que nos trazem as memórias de gerações passadas, dos povos originários e da força indomável de uma natureza da qual nascemos e a qual temos que respeitar para mantermos a integridade de toda a nação brasileira.

Essa literatura nos traz a reflexão de problemas que atingem as sociedades indígenas há décadas, mas que também afetam as florestas e destroem todo um ecossistema. Como no poema "O homem do ouro" (Dorrico, 2019, p. 77):

> Quando a draga queen aportava no barranco,
> íamos buscar papai.
> Ele sempre nos encontrava sorridente com
> uma pepita de ouro.
> Aquele ouro me deixava feliz porque mamãe
> e papai sorriam mostrando os dentes.
> Durante nove anos,
> Eu tive o afeto de meu pai.
> Mas ele enlouqueceu,
> Como todo homem do ouro
> Que não espera maldição

De matar os outros envenenado aos pouquinhos.
Enquanto meu pai ficava cada vez mais rico
Mais o rio-gente morria, bem devagarinho sufocado pelo mercúrio.
E quanto mais morria,
Mais gentes-árvore, gentes-peixe, gentes-barranco, gentes-gente morriam com ele.
Até que um dia foi meu pai que morreu
Primeiro, de tristeza;
Depois, da vida mesmo.
primeiro de tristeza;
depois, da vida mesmo.
Agora eu sei: a felicidade do meu pai não era boa.
Hoje eu sinto que toda a felicidade que não é boa, depois mata.
Foi assim com meu pai.
São as mesmas histórias que eu escuto dos homens de ouro:
Se tornam outros, ocos, pouco.
Outros, ocos, pouco.
Outros, muito ocos, pouco, e depois morrem.
Queria que não fosse verdade, mas é.

Dessa forma, o livro *Eu sou macuxi e outras histórias* (Dorrico, 2019) nos leva a vivenciarmos problemas que atingem o meio ambiente através de história que atravessa várias gerações indígenas, porque a autora não conta só a história de seu povo, os macuxis, mas a história de seus semelhantes; com o orgulho do pertencimento étnico, pretende nos ensinar o que já deveríamos saber: "afinal, humanos, floresta, animais, somos todos gente" (Dorrico, 2019, p. 8). Nos seus textos, então, está presente a relação com a natureza, a busca pela sobrevivência dos povos originários. Através desses textos, temos muitos exemplos de simbologias e referências coletadas durante anos de convivência com os mais velhos, tidos como sábios e guardiões dos saberes repassados aos seus pela oralidade; é um convite a desbravarmos o universo da cultura desses povos sempre com respeito e equidade.

Esta literatura que representa as questões e tradições dos povos originários contribui para o conhecimento de histórias passadas que estão presentes nas narrativas indígenas, muitas vezes provenientes da oralidade. A pluralidade cultural aborda o conhecimento e a valorização das características étnicas e dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, as desigualdades socioeconômicas e a crítica das relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira.

Sendo assim, o respeito à floresta e aos seus povos assume um papel crucial na composição de um mundo socialmente mais justo, igualitário e ecologicamente equilibrado, condição tida como fundamental para a manutenção da vida no Planeta. A literatura indígena nos faz refletir sobre a importância da ancestralidade, da oralidade e da cultura dos povos originários, em uma tentativa decolonizadora para manter intactos os seus territórios e, com isso, proteger o meio ambiente; é um convite a desbravar o universo da cultura desses povos sempre com respeito e equidade. Dessa leitura depende a sobrevivência humana.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Wlater. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. Escrito em 1936 sob o título *Der Erzäher: Betrachtungen zum Werk Nikolai Lesskows*.

CALLIGARIS, Contardo. *Hello Brasil e outros ensaios*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: LIMA, Aldo de (org.). *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades: Ouro Sobre Azul, 1995. p. 169-191.

DIAS, Genebaldo Freire. *Antropoceno*: Indicação à temática ambiental. 2. ed. São Paulo. Gaia, 2016.

DORRICO, Julie. *Eu sou macuxi e outras histórias*. São Paulo: Caos e Letras, 2019.

DORRICO, Julie. *Mapa Brava*: mapeamento, pesquisa e crítica. Recife, 2020a. Disponível em: https://www.mapabrava.com.br/poemas-rondonia. Acesso em: 11 jun. 2022.

DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (org.) *Literatura indígena brasileira contemporânea*: autoria, autonomia, ativismo. Porto Alegre: Fi, 2020b.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KADIWÉU, Idjahure (org.). *Tembetá Conversas com pensadores indígenas*. Rio de Janeiro: Azougue, 2019.

KAMBEBA, Márcia Wayna. *Ay Kakyri Tama*: eu moro na cidade. 2. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020a.

KAMBEBA, Márcia Wayna. *Kumiça Jenó*: narrativas poéticas dos seres da floresta. São Paulo: Uderline Publishing, 2021.

KAMBEBA, Marcia Wayna. *Saberes da Floresta*. São Paulo: Jandaíra, 2020b.

KOPENAWA, Davi; BRUCE, Albert. *A queda do céu*: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia da Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PETIT, Michèle. *Leitura*: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: 34, 2013.

PETIT, Michèle. *Ler o mundo*: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: 34, 2019.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura*: uma nova perspectiva. São Paulo: 34, 2009.

POTIGUARA, E. Metade cara, metade máscara. 3. ed. Rio de Janeiro: Grumin, 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico*: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SAAVEDRA, Carola. *O mundo desdobrável*. Ensaios para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

Alessandra Cegobia de Andrade

Possui graduação em Letras Plena pela Faculdade de Educação de Cacoal (1999); especialização em Psicopedagogia e Linguística pelo Instituto Cuiabano de Educação (2004). Atualmente é professora de Língua Portuguesa na Secretaria de Estado da Educação de Rondônia. Possui Mestrado em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Projeto de Cooperação Institucional (PCI) entre a Faculdade Católica de Rondônia (FCR) e a Universidade de Passo Fundo (UPF).

Miguel Rettenmaier

Professor permanente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. Coordenador do GT ANPOLL de Literatura Brasileira Contemporânea.

Endereço para correspondência

Universidade de Passo Fundo, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Letras BR285, São José, 99052-900

Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.